

LA FEMME COMME IL FAUT E OUTRAS MAIS¹

Suely Gomes Costa

Resumo: *La femme comme il faut*, uma imagem feminina propagada por Honoré de Balzac, serve de referência para examinar estranhamentos culturais, considerando a presença francesa e seus impactos sobre imagens femininas, práticas domésticas e regulação do tempo, no Rio de Janeiro do século XIX.

Palavras-chave: *imagens femininas; práticas domésticas; Rio de Janeiro, século XIX.*

O século XIX, tempo de revoluções do cotidiano, faz do Rio de Janeiro lugar de muitas temporalidades. Em encontros sucessivos, homens e mulheres, europeus e não-europeus de procedências e ofícios vários, engrossam, intermitentemente, ondas populacionais que atingem o Brasil do século XIX, banhando-o de novidades, em diferentes conjunturas.

Após as guerras napoleônicas, a normalização das relações franco-portuguesas amplia, no Rio de Janeiro, a presença das novidades francesas que, a partir da corte, muda estilos de vida, com extrema rapidez, registram observadores desse tempo. Esse “encontro de homens de terras distantes”, como diria Sahlins, move códigos culturais em direção a sentidos civilizadores inesperados (SAHLINS, 1990, p.). A julgar o acontecido no século XIX, esse entrecruzar de tantas diásporas acompanha inúmeros estranha-

mentos culturais, no Brasil em geral e no Rio de Janeiro em particular.²

Tensões e conflitos revelam a extensão das dificuldades de experiências civilizadoras como essas. Se o “[...] que decide o propósito da vida é simplesmente o princípio do prazer [...]” (FREUD, 1997, p. 24), esses encontros colocam muitos sofrimentos diante das necessidades de abandono “de uma posição antiga por uma nova” (FREUD, 1997, p. 62). É possível perceber, todavia, nesses movimentos civilizadores, precondições que atuam no sentido de reduzir sofrimentos e que também marcam transformações societárias (MARCUSE, 1968). Prazer e dor movem esses encontros, sempre com estranhamentos, diria Ginzburg (2001).

No Rio de Janeiro, diversos viajantes europeus desse século XIX examinam a vida brasileira, com frequência, a partir

de impressões sobre práticas do domínio privado. Nessas avaliações, é comum que tentem encontrar aqueles elementos de fruição, da ordem, do asseio, da beleza nas representações femininas que lhes são familiares e que lhes servem de parâmetros de comparação.

As críticas européias aos costumes brasileiros incidem, regulamente, sobre ritmos (tempos e movimentos) dos modos de viver, em especial da vida doméstica; atingem, em cheio, o campo sagrado de domínio feminino. Uma delas é sobre a vida doméstica brasileira ensimesmada, voltada para si, como que silenciando as mulheres, protegendo-as dos olhos estrangeiros. Essa impressão, reafirmada ao longo do século, foi até mesmo teorizada, no caso, para Recife dos anos 40, por L. Léger Vauthier (VAUTHIER, 1960, p. 802-894). Ele atribui essa conduta ao legado cultural árabe e a denomina de "domesticidade forçada" (VAUTHIER, 1960, p. 810-811). O comportamento arreado das brasileiras no trato com os estrangeiros é verificável antes e depois de Vauthier. Cronistas europeus do século XIX reafirmam tais sentimentos e apontam que na vida das fazendas, ao contrário da das cidades, os brasileiros eram muito mais comunicativos (Apud TAUNAY, 1947, p. 88). Em lugares rústicos, práticas comuns a costumes rurais europeus com os quais as mulheres brasileiras lidam com desenvoltura reduzem estranhamentos.

Mas nessa rusticidade dos modos de vida, há uma forma de intimidade descrita pelos europeus em geral com repulsa. É a que se associa à violência nas relações com os escravos; à "preguiça" ou à "indolência" de senhores e escravos; ao sim, ao não, ao talvez da

imprevisão dos atos cotidianos; aos ritmos de tudo e de todos. É a que torna uma dada educação dos sentidos estranhar luzes, brilhos e cores ofuscantes, sabores condimentados e farinhas sabendo à areia; ruídos intermitentes, cheiros desconhecidos, texturas ásperas, incômodas, de materiais diversos. Notícias sobre o Brasil são construídas com esses modos de sentir. Padrões estéticos, tidos como bizarros e caricatos, ganham ampla circulação na Europa. Por isso, falam mal das mulheres: de suas estridentes vozes, das risadas escancaradas, da preferência pelas cores vibrantes, do brilho de muitas jóias, de roupas embabadadas, pesadas de enfeites, flores e fitas. De cabelos soltos, longos, espessos, negros e encaracolados; de morenices pardacentas; da pequenez da altura, das mãos, dos pés; da tendência inexorável ao arredondamento... Falam ainda do desleixo da cozinha, lugar de negros. Dos confusos jardins em que se misturam ervas, flores e frutos. Do mobiliário parco e pesado das tradições portuguesas. Dos insetos, tão incômodos; dos enormes roedores, tão abundantes! Esse mal-estar diante da civilização encontrada sempre ganha tintas fortes quando referida à estética e à higiene. Essas notícias repercutem no Brasil (COSTA, 2000b, p. 57-65). Há, pois, razões de sobra para comportamentos cerimoniosos reiterados nos encontros das brasileiras com os estrangeiros.

Nos anos 40, o conde Suzannet (1957, p. 30-33) atribui tal cerimônia ao clima; só ocorre "por causa do calor": as mulheres, diz ele, ficam pouco vestidas em suas casas, explicando que, por isso, "[...] qualquer visita de um estranho é um transtorno para elas". Sua observação se restringe às mulheres dos ambientes que

freqüenta como diplomata. Sua repulsa por elas está em qualificativos explícitos: “falta de graça”, esse “luxo de mau gosto [que] espanta sem agradar”. Registra, em seus escritos, sem piedade, que as mulheres “[...] não têm leveza, nem agilidade, não ficam à vontade em seus trajes de festa”. Só haveria, no Rio, “[...] umas quatro ou cinco mulheres que se poderia citar por sua beleza, as outras não têm atrativos nem sedução”. Além da aparência desagradável, Suzannet diria que “[...] as mulheres vegetam numa semi-servidão à qual elas parecem submeter-se sem pesar; desconhecem a vida intelectual, não se pode pois tentar atraí-las para outras distrações que não sejam as que têm nesta vida que compartilham com as escravas”. Não encontra sinais de civilidade. Tais observações não traduzem a sempre invocada misoginia européia, mas estranhamentos quanto a uma dada ordem, a um sinal de beleza, a essa “coisa não lucrativa” (FREUD, 1997, p. 45) que esses recém-chegados esperam da civilização. Códigos comportamentais parecem indecifráveis, nesse encontro dos europeus com o diferente. Seguidas incompreensões de costumes reforçam, ainda, a xenofobia dos brasileiros experimentada pelos europeus, nesses anos 40, como nos sentimentos de repúdio à interferência estrangeira – notadamente inglesa, nos *negócios internos* do país. Estão em cena estranhamentos nos quais a intolerância para com o diferente se forja.

Um registro sobre a intimidade brasileira revela um modo corriqueiro de produzir mal-estares civilizadores. O senhor Versiani, um fazendeiro de Minas Gerais, narra ao naturalista escocês George Gardner, entre os anos 30 e 40 do século XIX, observações de Saint-Hilaire,

registradas em livro, sobre essa visita que “[...] haviam ofendido esse digno homem[...]” (GARDNER, 1975, p. 197). Gardner se hospeda na mesma propriedade que 23 anos antes havia abrigado Saint-Hilaire – o sábio naturalista francês. Não se contenta em reproduzir, mais uma vez, a passagem de desagrado do brasileiro:³

Pendant tout le temps que je passai chez le Capitain Versiani, la maîtresse de la maison ne se montra point; cependant tandis que nous mangions, je voyais un minois féminin s’avancer doucement à travers la porte entrouverte; mais aussitôt que jetais les yeux de ce côté, la dame disparaissait. C’est par une curiosité semblable que les femmes cherchent a se dommager du peu de liberté dont en les laisse jouir.

Gardner (1975, p.) reafirma, com novos comentários, a mesma observação de Saint-Hilaire, dizendo:

[...] 23 anos haviam feito grande mudança no lindo rosto de que Saint-Hilaire tivera apenas uma visão fugitiva. Suas filhas, porém, agora crescidas, não eram menos acanhadas do que a mãe o fora nos dias da mocidade.

Condutas como essa criam constrangimentos seguidos.

Mas essa notícia, do mesmo tipo que a enunciada por Vauthier sobre a presumida “domesticidade forçada”, longe está da experiência em curso desde o início do século. Comportamentos examinados pelo padre Lopes Gama nos anos 20 (GAMA, [19--?] Apud FREYRE, 1990, p. 111), por exemplo, indicam que aquela mulher de antigamente estava sendo

[...] substituída nos sobrados e até em algumas casas-grandes de engenho por um tipo de mulher menos servil e mais mundana, acordando tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile, lendo romance, olhando a rua da janela ou da varanda; levando duas horas no toucador “a preparar a charola da cabeça”; outra tantas horas no piano, estudando a lição de música; e ainda outras na lição de francês ou na de dança. Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessorário. Menos conversa com as mucamas. Menos história da carochinha contada pela negra velha e mais romance. O médico de família mais poderoso que o confessor. O teatro seduzindo a mulher elegante mais que a igreja. O próprio “baile mascarado” atraindo senhoras de sobrado.

Sobre esse cotidiano feminino, o padre Lopes Gama expressa um grande desagrado. Vê desaparecer, dia a dia, aquela “[...] boa mãe a que não devia preocupar-se senão com a administração da casa [...]” (Id. Ibid, p 109).⁴ Essas mulheres, cada vez mais, incorporam condutas bastante comuns a regiões europeias, alterando, pouco a pouco, obrigações domésticas, as mais tradicionais. Com o avanço do século, acentua-se junto a setores de rendas médias e altas uma mudança de ares. A vida voltada para o interior das casas sofrera significativas mudanças, pelo menos, no Rio, como observa, atento, Debret (1989, p. 53); as mulheres são mais saideiras. Novos comportamentos femininos apareciam: em 1830,

[...] não era raro verem-se as filhas de um simples funcionário distinguir-se pela dança, a música e algumas noções de francês, educação que as fazia brilhar nas fes-

tas e lhes dava possibilidade de um casamento mais vantajoso. (DEBRET, 1989, p. 53).

Para essas mudanças, diversas são as contribuições francesas, quando um dado imaginário sobre um certo ideal de mulher está sendo exportado da França para o mundo; Honoré de Balzac, melhor que todos, o descreve, entre 1839 e 1842, em seu “Outro estudo de mulher” (BALZAC, 1989, p. 503-565).⁵ Nessa conjuntura, lembra Balzac: “Todos estão em marcha para um fim qualquer, trata-se em busca de fortuna.” Os franceses que chegam ao Brasil trazem-no em seus corações e mentes.

Balzac esmiúça imagens da *femme comme il faut*. As representações desse ideal feminino, traçadas por Balzac, são de um estilo de ser, algo mais que futilidades. Queixava-se de quão poucas parisienses conservavam, nesse momento, seus salões abertos, procedimento em nada diferente do das mulheres brasileiras. Eram “contadas a dedo”, diria, lamentando que a “[...] arte da conversação”, aquilo que “[...] só em Paris se encontra [...]” com tanto brilho, estivesse em declínio. Como emblemática dessas mudanças, a *femme comme il faut* é a mulher “[...] saída das fileiras da nobreza, ou erguida da burguesia, vinda de qualquer parte, mesmo da província [...]”, provavelmente o modelo de algumas das que “[...] trotaram em busca de fortuna [...]” nas terras americanas. Trata-se, dizia ele, de uma “[...] expressão do tempo atual, uma última imagem do bom gosto, do espírito, da graça e da distinção reunidas [...]”. Balzac descreve, dentre os atributos da *femme comme il faut*, signos de ideais femininos em construção também no Brasil por romancistas como

Macedo e Alencar em obras nas quais são recusadas as imagens de mulheres brutalizadas pelo convívio com a escravidão (COSTA, 2000a, p. 29-43). Em Balzac, o contraponto masculino fixara-se no *gentleman* da Inglaterra (BALZAC, 1989, p. 530). Ao ideal feminino, no romance brasileiro, corresponde o fidalgo rural, o bom moço do campo ou aquele da cidade com traços rurais.

A imagem da *femme comme il faut* confunde-se com impressões de elegância, algo tão imaterial, como o seu contraste, as de vulgaridades. Esse tipo de mulher, segundo Balzac, no primeiro contato, “[...] faz-lhe pressentir um mundo de coisas elegantes e finas; [...] por entre as vulgaridades parisienses [...] acaba encontrando uma rara flor”. Distinguiam-se o romancista alguns sinais de liberdade: geralmente, fazia-se acompanhar “[...] por dois homens muito distintos, dos quais um pelo menos condecorado, ou então por um laçao sem libré, que a segue a dez passos de distância”. Tudo isso muito diferente das regras de etiqueta para as mulheres brasileiras das camadas sociais de maior renda.

Tudo nessa imagem traduz descrição; é o caso das vestes:

Seu vestido não tem cores berrantes, suas meias são transparentes, nem a fivela de seu cinto tem demasiado lavoires, nem tampouco traz calças de extremidades bordadas à roda dos tornozelos. Em seus pés nota coturnos debruados de seda [...].

Para ser notada, dispensa tecidos caros e chamativos: “Uma fazenda bastante bonita e de preço medíocre chama a sua atenção para o vestido, cujo corte surpreende [...]”. Essa discrição está nos

chapéus que Balzac detalha como de bom gosto:

O chapéu, de simplicidade notável, tem fitas novas. Talvez tenha flores, mas as mais hábeis de entre essas mulheres têm apenas laços. A pluma exige carruagem, as flores chamam muita atenção.

Nas ondas migratórias, além de *femmes comme il faut*, chegam ao Rio *sages-femmes* e *cocottes*. Todas, por onde passam, atuam sobre a construção de imagens femininas. As *sages-femmes*, parteiras diplomadas na França, de modo decisivo, contribuem com imagens sobre o lugar e as condutas de mulheres que saem de seus espaços domésticos para atividades de interesse público. Suas experiências com parto, por sua importância, orientariam estudos obstétricos. As habilidades com parto mudam, até mesmo, estudos obstétricos da Academia Imperial de Medicina (MOTT, 1994, p. 102). Mas saltam aos olhos nas imagens sobre as *sages-femmes*, aquelas centradas fortemente na precisão dos gestos, no cuidado e no asseio de vestes e penteados, muito mais que na sabedoria *específica* de mulheres para as práticas médicas do parto, ainda que de reconhecimento no mundo científico. É flagrante o contraste com aquelas das “comadres”, sujas, malvestidas e desgrenhadas. Quando chegam ao Brasil, as parteiras francesas terão como clientela mulheres de médias e altas rendas. As comadres se confundem com costumes e práticas das mulheres pobres a que socorrem, como “curiosas” e “aborteiras”, sendo responsabilizadas por elevadas taxas de mortalidades materna e perinatal. As *cocottes* que aqui chegam trazem novas práticas de amor, mas muito do encantamento das *femmes comme il faut* a ser melhor estu-

dado. Seus jogos de sedução povoam as fantasias masculinas e aprofundam diferenças entre mulheres e práticas sexuais para a reprodução e o prazer.

Os hábitos e figurinos franceses que chegam ao Rio divulgam esses códigos. Os de elegância são aqueles sem transbordamentos, sugerindo uma limpeza das redundâncias. Há também muitos gestos a aprender. Um deles é o modo de andar: a *femme comme il faut* tem seu “corte do andar”, como a ele alude Balzac, em que avança o pé para moldar o vestido “[...] com uma tão decente precisão, que excita nos passantes uma admiração mesclada de desejo, mas refreada por um profundo respeito”. Assinala que, na graciosidade da marcha, as mulheres guardam muitas diferenças entre si. Exemplifica Balzac, maldosamente, uma diferença referindo-se à mulher inglesa que quando “[...] tenta dar esse passo tem ares de um granadeiro que segue para a frente a fim de atacar um reduto”. Há outros gestos que distinguem cópia e original da *femme comme il faut*. Balzac chama a imitadora de *femme comme il en faut pas*, uma distinção fundamental. Quase sempre confundida com a *femme comme il faut*, assinala seus execráveis gestos fazendo notar as muitas diferenças entre elas:

[...] ora são colchetes mal dissimulados, ora cordéis que deixam ver seu entrelaçamento de um branco ruço nas costas do vestido, por uma fenda entreaberta, ou sapatos arranhados, fitas de chapéus passados a ferro, um vestido muito rodado, um porte muito rígido [...]. Há afeição na atitude.

Também nesse código, marcará diferença entre a burguesa e aquela

educada nas regras da corte. Repudia Balzac a impaciência da burguesa “apressada”, ou a atitude “indecisa”, daquela que “[...] sai, faça o tempo que fizer, trota, vai, vem, olha, não sabe se entrará ou não numa loja. Naquilo que a *femme comme il faut* sabe exatamente o que quer e o que faz, a burguesa fica indecisa [...]”. Trata-se de indecisões que movem tempos de muitas transições do feminino.

Balzac não deixa de frisar que “[...] a burguesa é mestra de pleonasmos de toilette”. Assim, a *femme comme il faut* é comedida nos gestos: jamais “[...] será surpreendida, como a burguesa, a sungar uma ombreira recalcitrante, a fazer baixar uma barbatana insubordinada do espartilho, a olhar se o corpete está cumprindo seu ofício [...]”, enfim a conser-tar-se, a conferir-se a cada passo e a cada espelho. Por contraste, descreve Balzac a *femme comme il n’en faut pas* (uma mulher que se dispensa), remetendo ao exemplo daquela que, sendo escritora, “[...] não tem gênio [...]”.

O bom gosto, algo indefinível, Balzac descreve sem hesitação. Para ser *femme comme il faut*, conclui Balzac, não é necessário só ter espírito, é “[...] impossível sê-lo sem ter muito bom gosto [...]”, lembrando que, na França, “[...] ter bom gosto é ter mais do que espírito.” Ela seria, enfim, “[...] a mulher dos jesuíticos *mezzotermine*, dos mais equívocos compromissos para defesa das aparências, das paixões anônimas [...]”.

Sua liberdade, porém, tem limites: “Essa mulher tão livre no baile, tão linda no passeio, é escrava em casa; só tem independência a portas fechadas, ou nas idéias. Quer conservar-se *femme comme*

il faut. Eis o seu problema.” Balzac a vê como peculiar “[...] a uma época em que nada do que acontece assemelha-se ao que se vai, em que as transições não conduzem a nada, onde não há senão mudanças [...]”. Essa mulher nascida “nas proximidades do trono”, porém, a se ver, não adquirirá,

[...] antes dos vinte e cinco anos, a ciência enciclopédica dos nadas, o conhecimento dos ardis, as grandes pequenas coisas, as músicas da voz e as harmonias das cores, as diabruras angélicas e as inocentes perversidades, a linguagem e o mutismo, a seriedade e a zombaria, o espírito e a tolice, a diplomacia e a ignorância, que constituem a *femme comme il faut*.

Provavelmente vieram para o Rio, dentre as francesas, esses tantos tipos balzaquianos, “trotando na busca de fortuna”. Estarão em lojas e na prestação de serviços, durante alguns anos do século XIX. Propagam elas gostos (e desgostos), interferindo nas aquisições de objetos, na remontagem dos utensílios e dos ambientes (WALSH, 1985, p. 197-198).⁶ Casos havia de descoberta de impostura, como nas suspeitas de Leithold sobre a simulação de Demoiselle Jolie, como música, tornada uma harpista famosa da cidade (LEITHOLD; RANGO, 1966, p. 40-42). Nada impede o avanço desse ideal feminino. Brasileiras iam à Europa e de lá traziam as graças da *femme comme il faut*. Elas penetram o imaginário desse século, chegam para ficar, deixando de lado aqueles costumes de tantos desagradados.

Esse imaginário, todavia, propagasse no país porque portava signos contidos nos desejos e nas aspirações em cir-

culação na vida íntima e na vida pública brasileiras, em precondições de consumo dessa sociedade. Até a normalização das relações franco-portuguesas, as vendas ou lojas do Rio de Janeiro abasteciam as casas de artigos pouco diversificados, produzidos no país e fora dele, alguns fortemente monopolizados. As miudezas de várias áreas do mundo não são, usualmente, negociadas nas vendas; poucas são vendidas em pequena escala. Árduas práticas artesanais domésticas suprem muitas necessidades. Findas as guerras napoleônicas, seguidos fluxos de imigrantes multiplicam negócios em torno de algumas dessas muitas demandas. Entre 1808 e 1820, contabilizavam mais de 300 franceses, em grande maioria, tendo por destino o Rio (MOTT, 1994, p. 103). Walsh registra que esse número, no fim da década, cresce muito; diz que, nesse tempo, no porto, a bandeira branca posta em substituição à tricolor tremula nos mastros dos navios franceses, “[...] como um símbolo do país” (WALSH, 1985, p. 83). Observa que a população francesa cresce tanto que chega a ultrapassar a dos ingleses chegados antes deles: “[...] hoje em dia ruas inteiras estão tomadas por suas lojas e joalherias”. Poucos, dentre esses franceses e francesas, são da aristocracia. Artesãos, em grande maioria, vão ocupar-se de muitas atividades produtivas, comerciais e de serviços, muitos, até então, realizados nos domicílios. A chegada, em grande escala, dessas mercadorias segmenta muito as atividades domésticas. Eis aí uma das maiores revoluções da vida doméstica brasileira: movem em novas referências antigas práticas domésticas.

Apesar de tanta presença francesa, Spix tem uma outra impressão sobre seus impactos na cultura local. Avalia

como nulos os efeitos da mesma sobre os comportamentos femininos entre os anos 1817-1820:

O belo sexo, embora incluído na transformação geral que a transplantação da corte [com as influências da cultura francesa] produziu, e agora também já mais visível no teatro e nas ruas, ainda conserva, todavia, mais ou menos a mesma posição [...] (SPIX, 1981, p. 57).

Entretanto, as novidades francesas acentuam a transferência das atividades das casas para o mercado, em áreas de dedicação das sinhás e escravas: produção de iguarias e de decoração dos corpos e dos ambientes, ramos de atividades cobertos pelo artesanato local e do país, mas de forma descontínua.

O consumo dessas novidades confirma decisões de novas orientações na gestão diária das comodidades domésticas. Essas indústrias penetram a fundo pautas de consumo familiar porque efetivam desejos secretos de homens e mulheres. O princípio do prazer, de que fala Freud, está nesse processo civilizador; orienta a aquisição dos objetos e a redução das penas advindas de tão árduos trabalhos femininos. Trazem também novas sensações inusitadas: reeducam os sentidos. Incidem, ainda, na formação de arquétipos femininos mal delineados nessas terras americanas, mas que reforçam ideais de mulheres madonas, musas e sedutoras em novas referências (HIGONNET, 1994, p. 325-343). Materializam possibilidades de existência de *femmes comme il faut* nos termos descritos por Balzac.

As “lojas de departamento” ou de “novidades”, largamente propagadas na

França, entre 1860 e 1890 (MOLES; WAHL, 1972, p. 160), confirmam um estilo de comércio antecipado na rua Vivianne, em Paris, freqüentemente associado ao da rua do Ouvidor, no Rio. Concentram-se essas lojas umas ao lado das outras, como seções de um conjunto, na mesma rua e em ruas próximas de uma dada região. Em 1831, voltando para a França, Debret noticiava que o habitante do Brasil passa a mostrar-se

[...] tão entusiástico apreciador da elegância e da moda francesa [...] [que] [...] a rua do Ouvidor (Rua Vivianne, de Paris, no Rio) era quase inteiramente constituída de lojas francesas de todo tipo, mantidas pela prosperidade de seu comércio (DEBRET, 1989, p. 50).

Oferecem essas lojas, complementarmente, uma grande variedade de artigos e inovam no modo de atendimento: belas mulheres postas como balconistas e modistas oferecem, além de novos objetos, sugestões, conselhos, recomendações e tantos préstimos na solução de grandes e pequenos problemas femininos. Além disso, mudanças de práticas comerciais cotidianas favorecem compras a crédito no atacado para a venda à vista no varejo. Oferecem ainda serviços personalizados: as lojas francesas do Rio fazem modelos únicos, escolhidos para uma clientela restrita, um a um, com exclusividade de marca, em figurinos sob medida, seguindo à risca novos padrões estéticos. Ainda mais, dependentes de reconhecidas habilidades artesanais, associam sempre serviços de consultoria de modas, aos de cabeleireiros, de esteticistas e de decoradores. Penetram a intimidade individual e coletiva, na formação de novos gestos e desejos, num tempo

inaugural do consumismo que se segue (COSTA, 2000a, p.13-20).

A configuração da rua do Ouvidor antecipa, assim, o desenho de uma grande loja de departamentos contemporânea ou de um grande *shopping*. Nessas muitas lojas enfileiradas, concentram, num mesmo espaço, a oferta de diferentes *nouveautés*, renovadas a cada estação do ano. Apoiadas em jornais de modas, em figurinos, em manuais de economia doméstica, em livros de receitas, essa vaga civilizatória faz a propaganda de infinitas miudezas e seus usos; espargem prazer e lucros. Esse corredor de lojas de departamentos do Rio promove a francesia, aquele conjunto de coisas do espírito e do entretenimento, de tanto desagrado do padre Lopes Gama. Ao ofertar tantos produtos diversos, interfere na programação do tempo das sinhás e de sua corte de escravas; lhes cria economias de tempo.⁷

Nos intercâmbios das duas primeiras décadas do século XIX, os objetos domésticos franceses, mesmo em sua restrita distribuição, têm preferência segura. A sedução exercida pelo francesismo sobre os brasileiros em geral instiga os observadores europeus não-franceses. As lojas francesas trazem impactos sobre os ritmos domésticos, quando consolidam transferências de atividades das casas para o mercado. As plantas das casas senhoriais, já no início do século XIX, sofrem rearranjos: suas dependências contraem-se.

Quando Gilberto Freyre (FREYRE, 1990, p. 101-102) compara as plantas das casas grandes e sobrados apresentadas por Vauthier (1840-1846) com as desenhadas por Debret (1816-1831), situa

diferenças de época e de região. Tanto nas imagens de casas do Nordeste como nas do Sul do país, Freyre, todavia, encontrará fortes semelhanças, pensando-as como duas expressões arquitetônicas de um mesmo tipo de *patriarcado* e de mesmas tendências de colonização portuguesa no Brasil quanto à adaptação ao meio americano e tropical de tradições e técnica lusa da casa e da construção. Mas as áreas de estar, de repouso, de serviços e a circulação dos indivíduos previstas nessas plantas expressam novos conceitos de morar, carregados de costumes dos novos tempos. A concepção das moradias, no último quartel do século XIX, está expressando duas orientações fundamentais que mantêm, daí em diante, certos critérios de circulação de casas, marcas próprias à planta colonial – um é a varanda, ponto de vigia do movimento de dentro e de fora das casas, e outro é a circulação francesa, baseada no isolamento de cada uma das zonas da habitação (LEMOS, 1989, p. 51-52). Porém, é usual que se constate que

[...] dezenas e dezenas de ações deixavam de ser exercidas no lar devido às providências da indústria, tanto no que diz respeito às necessidades do passadio do dia-a-dia como às condições técnico-construtivas (LEMOS, 1989, p. 10).

Embora esse modo de morar esteja sob um forte impacto das “providências da indústria”, não é apenas um resultado do aparato tecnológico chegado aos lares (RYBCZYNSKI, 1989). Resolvem-se, nessas plantas, tensões continuadas, de muitos séculos, surgem outras. De fato, ações caseiras sintetizam-se; cada vez mais, se dá o deslocamento de pessoas e de obrigações domésticas para o mercado, dispensando certos ambientes, tudo

muito conveniente a modos de morar da família nuclear e das camadas médias urbanas em formação, conforme sugestões da arquitetura francesa. O francesismo se propaga, mas de modo desigual. A francesia impulsiona o deslocamento das mulheres de camadas altas e médias em direção a espaços públicos, mas isso se dá sob tensões e conflitos nos fazeres e na administração do conforto das casas. Há intensa transferência de responsabilidades de umas para outras mulheres, incessantemente (COSTA, 2002). Mulheres de segmentos médios e superiores irão consumir à farta os produtos que agora chegam com regularidade ao porto do Rio. Outras, pobres, quase nunca, mas todas se vêem diante de nova regulação de seus tempos.

Sérgio B. de Holanda percebe que as modas antes de 1816 européias não se impõem no Rio, e só se impõem “[...] entre a gente rica: o grosso da população mal chega a ser tocado pela sua presença”. Comenta a dificuldade que a professora Nizza da Silva encontrou em seu estudo sobre esse consumo, atribuindo-a à

[...] escassa documentação existente sobre os usos da gente rústica e também da gente pobre, que morava em casas térreas no centro da cidade e não quer nem pode trocar hábitos velhos por moderna estrangeirices (HOLANDA, 1978, p. XIV).

Essas “modernas estrangeirices”, porém, introduzem profundas mudanças de práticas domésticas e movem regulações do tempo de homens e mulheres de diferentes camadas sociais. Há mudanças quase invisíveis, vindas não em

produtos fabris, mas através de serviços. A loja da Rua da Constituição, 16, aparentemente, seguindo à risca recatos da freguesia, faz o seu anúncio: “João Batista e sua senhora, cabeleireiros das principais famílias, prontificam-se encomendas para fora em 24 horas”.⁸ Ao lado, inscreve: “As tranças monstro”, uma referência à trabalhadeira de enormes tempos femininos aplicados em entrançar longos e pesados cabelos... Dispor desse serviço afeta mulheres distintas, ricas e não ricas. As sinhás puderam, com serviços como esses, dispensar mucamas de muitas complicadas operações domésticas. Como de tantas outras, resolvidas pelo comércio da rua do Ouvidor, como as de confecção de roupas de vestir, de cama, de mesa, de banho. E isso não começa agora. O conde de Gestas, no seu relatório de 1825, já assinala que o comércio de modas no Rio havia tomado um “impulso inaudito” referindo-se às ruas inteiras ocupadas por lojas supridas pelos armazéns franceses (MOTT, 1994, p. 105).⁹

Os negócios franceses enfrentam complicadas resistências. Contrariavam (e como!) antigos interesses de monopólio, mas não só: a presença de artigos prontos, de uso caseiro, as miudezas, desorganiza processos produtivos seculares no Brasil e em Portugal. Antes dos franceses, os ingleses haviam sentido as mesmas pressões, como dramaticamente reclamado por Sierra y Mariscal (SIERRA Y MARISCAL, 1823, p. 56-57.):¹⁰

Por este tratado [o de 1810] entraram no Brasil, o sapato, os móveis, o fato, até colchões; eu tenho visto desembarcar no Rio de Janeiro caixões já ornados para enterrear meninos. Sua cobiça feroz se estendeu a tudo, e tudo devorou, e engoliu. Como introduziram o luxo e este cor-

rompera os costumes, os casamentos se diminuíram e a despovoação foi uma conseqüência. Como introduziram o luxo, tudo gradualmente foi caindo na pobreza; e o comércio português, principalmente, no Rio de Janeiro, desapareceu.

A intensificação dos fluxos de mercadorias repercute, visivelmente, sobre os ritmos da cidade. Em 1822, Maria detectará uma nova ambiência:

Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus. No entanto, todos os portugueses fazem a sesta após o jantar. Os negros, tanto livres quanto escravos, parecem alegres e felizes no trabalho. Há tanta procura deles que se encontram em pleno emprego e têm naturalmente boa paga. Lembram aos outros aqui o menos possível a triste condição servil, a não ser quando se passa pela Rua do Valongo (GRAHAM, 1990, p. 208).

Esses ritmos ampliam, ainda mais, o emprego da mão-de-obra local, escrava fora dos domicílios. Um olhar de relance, entre 1845 e 1846, registra que os estabelecimentos comerciais da cidade não empregavam “[...] mulher alguma, preta ou branca” (EWBANK, 1973, p. 81).¹¹ Entretanto, nos anos 20, Ana Durocher, florista e costureira, mãe de Mme. Durocher, célebre parteira do Rio, instalada na rua dos Ourives, entre a do Ouvidor e a do Rosário, emprega escravas em trabalho noturno. Para abrir à noite, recorre a lâmpadas argânticas (MOTT, 1994, p. 105). Inaugura horas novas nos hábitos da cidade com seu armário fino. Além de fazendas, oferta “[...] vestidos e artigos para completar a *toilette* como luvas, chapéus e flores de penas.” (MOTT, 1994, p. 106). Conta ela

com o auxílio de sua filha como caixeira e de uma certa Sra. Wirt (da qual se desligaria). Possui “[...] cerca de cinco escravas costureiras em seus estabelecimentos” (MOTT, 1994, p. 107). Talvez, fossem, no caso, escravas alugadas, daquelas que, mais tarde, nos anos 1840, foram registradas por Ida Pfeiffer, no Rio. Adquiridas por alguns maridos como “presentes” para suas esposas, destinavam-se a trabalhar no mercado, treinadas por essas esposas, em seus domicílios; alugadas, a seguir, fornecem uma fonte de renda subsidiária às famílias proprietárias. A expansão de lojas, diante de situações como essa, intensifica o uso do tempo das escravas e sinhás. A respeito das mulheres em lojas, Mr. Say teria feito uma observação registrada pelo conde Suzannet, no seguinte comentário (SUZANNET, 1957 apud TAUNAY, 1947, p.28):

Uma indústria nova, da qual os franceses conservam o privilégio, foi a introdução de moças jovens e bonitas que venham em pessoa vender as novas mercadorias.

Em 1850, o Almanaque Laemmert anunciava ainda 22 lojas francesas da rua do Ouvidor, embora o conde Suzannet comente que “[...] as moças jovens e bonitas estão ficando raras, mesmo na Rua do Ouvidor” (SUZANNET, 1957 apud TAUNAY, 1947, p. 28). Deixam as mulheres francesas de chegar ao Rio; as que ficaram começam a envelhecer. Novas gerações de homens e mulheres passam a cuidar das sucessivas revoluções do tempo e de mais arranjos das relações domésticas.

No fim do século XIX, Madame Brizard, francesa, dona de pensão, personagem de romance de Aluísio Azeve-

do, recupera traços daquela concepção da *femme comme il faut* no esboço da noiva ideal para Amâncio, outro personagem do romance:

Seria pena que um rapaz tão perfeito não escolhesse uma noivinha *comme il faut* – bonita, instruída, que soubesse entrar e sair numa sala, conversar, fazer música, recitar, servir um almoço, dirigir uma *soirée* (AZEVEDO, 1987, p. 131).

Mulheres e lojas francesas deixam seu rastro. Não mudam apenas hábitos das mulheres das camadas médias e al-

tas; no fim do século, servem de referência a mulheres comuns desse Rio urbano cada vez mais complexo. O Rio como centro propagador de *femme comme il faut*, através da corte, sublinhou o francesismo e o viver na francesia, com alguns de seus muitos sinais, espalhando novos costumes. As lojas francesas da Rua do Ouvidor cumprem no século XIX sua missão civilizadora na consolidação do sistema fabril e deixam suas marcas próprias e únicas nas revoluções do mundo. Por obra e graça das *femmes comme il faut* e de outras mais.

Abstract: Starting from Balzac's La femme comme il faut the article seeks to examine cultural differentiations, domestic activities and time regulation in Rio de Janeiro during the nineteenth century.

Keywords: female images; household chores; Rio de Janeiro, 19th century.

Notas

¹ O tema deste artigo é parte de minha tese de doutorado de História, lugar em que ampliei minhas pesquisas sobre a regulação do tempo e o cotidiano femininos.

² Essa matéria remete a contribuições dos chamados “estudos culturais” em experiências de áreas “pós-coloniais”. Ver a respeito: HALL, 2003; BHABBA, 2003; GINZBURG, 2001; SIRINELLI; RIOUX, 1998.

³ A tradução é: “Durante o tempo todo em que passei na casa do Capitão Versiani, nunca a dona da casa apareceu. Entretanto, enquanto comíamos, via passar, suavemente, pela porta entreaberta, uma sombra feminina. Assim que meus olhos voltavam em sua direção, ela desaparecia. Com condutas como essa, as mulheres tentam saciar sua curiosi-

dade e reduzir os prejuízos decorrentes da pouca liberdade que lhes deixam desfrutar”.

⁴ Alude esse autor aos escritos do padre Lopes Gama no jornal *O Capuceiro*, Recife, nos anos 30 e 40.

⁵ No volume 4, assinalará, ele, na p. 510: “[...] se hoje não se ceia muito é isso devido a que sob nenhum regime houve menos gente abastada, bem instalada na vida e triunfante de que sob o reinado de Luís Felipe, no qual a Revolução legalmente começou. Todos estão em marcha para um fim qualquer, trota-se em busca de fortuna. O tempo tornou-se a mais cara mercadoria; ninguém pois, pode entregar-se à prodigiosa prodigalidade de recolher-se aos seus penates do dia seguinte, para levantar-se tarde.” *Partidário da Restauração (1814-1830)*, Balzac revelava-se hostil ao regime instaurado em

1830. Segundo Paulo Rónai, numa notação, nessa mesma página, “[...] não deixava passar a ocasião de dar-lhe umas alfinetadas”.

⁶ Em fins da década de 20, segundo Walsh, a colônia francesa era a mais numerosa do Rio: 1.400 franceses e 140 lojas de vários gêneros.

⁷ Cf. HOLANDA, 1978, p. XIV.

⁸ *Almanaque Ilustrado do Mequetrefe para o ano de 1881*. p. 27.

⁹ MOTT, 1994, p. 105.

¹⁰ Ninguém melhor que Sierra y Mariscal, logo após a proclamação da Independência, na defesa dos interesses de monopólio, para falar dos sentimentos causados por essa presença incômoda: “Os ingleses não são como os outros homens

do continente europeu [...] não amam outro país que a Inglaterra. Não se casam, não comem nem bebem se não for o que é inglês. São uma aranha por toda parte, qualquer nação deve temer mais um escritório inglês em seu país que todas as pessoas da artilharia inglesa. Eu conheço ingleses no Rio de Janeiro que mandam lavar e engomar a roupa à Inglaterra, por último, são uns monstros para o país em que estão, e são os melhores cidadãos ingleses.”

¹¹ Essa também é uma observação para São Paulo. Ver a respeito: DIAS, M.O. L. da. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. p. 23. Cita como fonte: Relação das donas de vendas e lojas de molhados; *Registro*, XX(1829); 321 (Penha); 329 (Santo Amaro); 388 (N.S. do Ó); na festa da Padroeira da Penha, 487; as que não pagaram as avenças: 408 e 511.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE Ilustrado do Mequetrefe para 1881. Segundo Ano. Rio de Janeiro: [s.n.], 1978-.

AZEVEDO, A. *Casa de pensão*. Rio de Janeiro: Globo, 1987. BHABBA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BALZAC, H. de. Outros estudos de mulher. In: _____. *A comédia humana*. v. 4. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

COSTA, Cristiane. Compro, logo existo: romantismo e consumismo em Madame Bovary. *Revista Gênero*, Niterói, n. 1, p. 13-20, 2000.

COSTA, S. G. Alice por Alice (auto-imagem e amarras femininas em “O tronco do ipê”). *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 29-42, 2000a.

_____. Entre práticas escravistas e caritativas, transformações da gestualidade feminina. *Revista Gênero*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 57-65, 2000b.

_____. *Metáforas do tempo e do espaço doméstico*. Rio de Janeiro: século XIX. 1996. 2. v. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, ago. 1996.

_____. Proteção social: maternidade transferida e luts por saúde reprodutiva. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 301-324, jul./dez. 2002.

DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. Tomos 1-3.

DIAS, M. O. L. da S. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*: Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Brasiliense, 1984.

EWBANK, T. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. 2v. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Record, 1990.

- GARDNER, G. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- GINZBURG, C. *Olhos de madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GRAHAM, M. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HIGONNET, A. Mulheres e imagens. In: FRAISSE, G; PERROT, M. *História das mulheres no ocidente*. O século XIX. Porto: Ed. Afrontamentos, 1994. p. 325-343.
- HOLANDA, S. B. de. Prefácio. In: SILVA, M. B. N. da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Nacional, 1978. p. XIV.
- LAEMMERT, Eduardo; LAEMMERT, Henrique. *Almanaque Laemmert*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1847-1897.
- LEITHOLD, T. von, RANGO, L. von. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*. São Paulo: Nacional, 1966.
- LEMOES, C. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Uma crítica ao pensamento filosófico de Freud. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1968.
- MOLES, A. A.; WAHL, E. Kitsch e objetos. In: MOLES, A. A. et al. *Semiologia dos objetos*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MOTT, M. L. de B. Madame Durocher: modista e parteira. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 101-116, 1994.
- RYBCZYNSKI, W. *Le confort*. Cinq siècles d'habitation. Trad. de l'anglais par Claire Dupond. Montréal: Roseau, 1989.
- SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990. Idéias gerais sobre a revolução do Brasil e suas conseqüências (Lisboa, 10/11/1813). In: *Anais da Biblioteca Nacional: XLIII-XLIV (1920-1921)*, p. 49-81. (Biblioteca Nacional)
- SIERRA Y MARISCAL, F. *Idéias gerais sobre a revolução do Brasil e suas conseqüências*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráfica da Biblioteca Nacional, 1926.
- SILVA, Maria Beatriz N. da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Nacional, 1978. SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- SPIX, M. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 3 v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- SUZANNET, Conde de. *O Brasil em 1845*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- TAUNAY, A. de E. *No Rio de Janeiro de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- VAUTHIER, L. L. Cartas brasileiras de Vauthier. In: FREYRE, G. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960. p. 802-894.
- WALSH, R. *Notícias do Brasil (1820-1829)*. 2v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.